

# A DESIGUALDADE NA EMISSÃO DE CARBONO MATA

Porque a redução das  
emissões excessivas  
de uma pequena  
elite permite criar um  
planeta sustentável  
para todos

RELATÓRIO EXECUTIVO



**OXFAM**

## NOTA INFORMATIVA - OUTUBRO DE 2024

Para vencer o colapso climático e promover justiça social, é essencial reduzir radicalmente a desigualdade. Este documento revela os impactos devastadores das emissões dos mais ricos e propõe medidas urgentes para proteger as pessoas e o planeta.

O pouco dióxido de carbono que ainda podemos emitir com segurança está sendo consumido indiscriminadamente pelos super-ricos. Apresentamos novas evidências de como os iates, jatos e investimentos poluentes dos 50 bilionários mais ricos estão acelerando a crise climática. A pesquisa da Oxfam mostra que as emissões do 1% mais rico do mundo estão causando perdas econômicas de trilhões de dólares, resultando em enormes perdas de colheitas e levando a milhões de mortes em excesso.

Com as temperaturas globais em constante elevação, ameaçando a vida e os meios de subsistência de populações vulneráveis, precisamos agir agora para reduzir as emissões dos super-ricos e exigir que os maiores poluidores paguem por seus impactos.

© Oxfam International Outubro de 2024

Este relatório foi escrito por:

Autores líderes: Mira Alestig, Nafkote Dabi, Abha Jeurkar e Alex Maitland.

Autores que fizeram contribuições: Max Lawson, Daniel Horen Greenford (Concordia University e Universitat de Barcelona), Corey Lesk (Dartmouth College) e Ashfaq Khalfan.

Oxfam reconhece o apoio de Adam Musgrave, Annie Theriault, Deepak Xavier, Hanna Saarinen, Lyndsay Walsh, Anna Marriot, Chiara Liguori, Amina Hersi e Ayesha Arif em sua produção. Ele faz parte de uma série de relatórios escritos para informar o debate público sobre questões de desenvolvimento e políticas humanitárias.

Pesquisa e contribuição técnica: Daniel Horen Greenford (Concordia University e Universitat de Barcelona) foi responsável pela concepção e coordenação dos cálculos sobre os impactos e realizou os cálculos sobre os prejuízos econômicos. Corey Lesk (Dartmouth College) foi responsável pela concepção e execução dos cálculos de perdas agrícolas e ofereceu orientação adicional durante todo o processo. Donny Seto (Concordia University) realizou a extração de dados do CMIP6 e o cálculo do RTCRE. Daniel Bressler (Columbia University) apresentou estimativas em nível nacional do custo de mortalidade do carbono. Chris Callahan (Universidade de Stanford) foi um grande orientador dos métodos de danos climáticos e calculou os valores ponderados pela população para temperatura histórica e valores RTCRE. Damon Matthews (Concordia University) orientou sobre a ciência climática e a abordagem RTCRE.

Produção: Nigel Willmott.

Edição: Emma Seery, Adam Houlbrook e Lucy Cowie.

Para obter mais informações sobre as questões apresentadas neste documento, envie um e-mail para [advocacy@oxfaminternational.org](mailto:advocacy@oxfaminternational.org)

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas o texto pode ser usado gratuitamente para fins de defesa, campanha, educação e pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O detentor dos direitos autorais solicita que todo esse tipo de uso seja registrado junto a essa instituição para fins de avaliação de impacto. Para reprodução em qualquer outra circunstância, ou para reutilização em outras publicações, ou para tradução ou adaptação, é necessário obter permissão e pode ser cobrada uma taxa.

E-mail: [policyandpractice@oxfam.org.uk](mailto:policyandpractice@oxfam.org.uk).

As informações aqui contidas estão corretas no momento da publicação

Publicado pela Oxfam GB para a Oxfam International em outubro de 2024.

DOI: 10.21201/2024.000039

Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, Reino Unido.

Foto da capa: Um incêndio florestal em Hydra, Grécia, junho de 2024. Um iate de luxo com um incêndio florestal ao fundo.

Crédito: Os bombeiros tiraram esta foto [conforme declarado em um artigo da BBC]

## RELATÓRIO EXECUTIVO

### A DESIGUALDADE NA EMISSÃO DO CARBONO IMPORTA

A história do colapso climático é, essencialmente, uma história de desigualdade. As emissões excessivas das pessoas mais ricas do mundo causam dor e sofrimento aos mais pobres e ameaçam todo o planeta.

Por outro lado, a solução para a crise climática é uma história de igualdade.

Somente transformando o mundo em um lugar radicalmente mais igualitário podemos impedir a destruição climática. Somente combatendo a desigualdade que conquistaremos o apoio político nacional necessário para implementar as transformações radicais nas políticas que permitirão descarbonizar o planeta a tempo de salvá-lo.

### ELITES POLUENTES

Resta pouquíssimo dióxido de carbono que a humanidade pode emitir sem desencadear um colapso climático. No entanto, algumas das pessoas mais ricas do mundo continuam produzindo CO<sub>2</sub> de forma descontrolada, sem se importar com os impactos globais prejudiciais de sua poluição.

Essa quantidade limitada de dióxido de carbono que ainda podemos emitir com segurança é conhecida como orçamento de carbono. Se continuarmos no ritmo atual, vamos esgotar todo esse orçamento em apenas quatro anos.

As evidências deste documento informativo são claras: as pessoas mais ricas do mundo estão usando uma quantidade desproporcional do orçamento de carbono restante do mundo e colocando todos nós no caminho que nos levará a um aquecimento global irreversível e catastrófico.

De acordo com nossa pesquisa, os hábitos de consumo e investimento dos mais ricos são os principais responsáveis pelo esgotamento do orçamento de carbono.

- Se todas as pessoas comessem a emitir a mesma quantidade de carbono que as pessoas do 1% mais rico, o orçamento de carbono restante se esgotaria em menos de cinco meses.
- Se todos emitissem carbono na mesma proporção que as emissões do transporte de luxo dos 50 bilionários mais ricos, o orçamento de carbono restante acabaria em dois dias.<sup>1</sup>

Este relatório apresenta dados atualizados sobre o consumo de transportes de luxo (jatos particulares e super iates) e emissões dos investimentos de 50 pessoas dentre as mais ricas do mundo. A pesquisa conclui que as emissões geradas pelos investimentos, jatos particulares e super iates desses bilionários são maiores do que as emissões de consumo dos 2% mais pobres do mundo, um total de 155 milhões de pessoas juntas. Esses números representam a quantificação mais atualizada e abrangente das emissões das pessoas mais ricas, baseada em investigações detalhadas de seu consumo e investimentos.

---

**As evidências deste relatório são claras: as pessoas mais ricas do mundo estão usando uma quantidade desproporcional do orçamento de carbono restante do mundo e colocando todos nós no caminho de um aquecimento global irreversível e catastrófico.**

Essa pesquisa baseia-se nos relatórios anteriores da Oxfam sobre clima e desigualdade, trazendo novas informações sobre como os mais ricos contribuem diretamente para a destruição do planeta. Ela indica que o colapso climático não poderá ser evitado sem reduzir a concentração excessiva de riqueza entre uma pequena elite. É urgente que tomemos medidas para transformar radicalmente os hábitos de consumo e investimento das pessoas mais ricas.



### Jatos particulares levando ao Colapso Climático

Globalmente, apenas 1% da população é responsável por metade de todas as emissões de carbono provenientes de aviões.<sup>2</sup> A riqueza extrema está alimentando a crise climática, ao impulsionar o acesso a viagens aéreas de luxo e jatos particulares para os mais ricos. Nos últimos 20 anos, as vendas de jatos particulares altamente poluentes dobraram.<sup>3</sup>

Para essa pesquisa, a Oxfam conseguiu identificar os jatos particulares pertencentes a 23 dos 50 bilionários mais ricos; os outros não possuem jatos particulares ou os mantiveram fora do registro público.<sup>4</sup>

Em média, cada um desses 23 bilionários fez 184 voos - passando 425 horas no ar - em um período de 12 meses. Isso é o mesmo que cada um deles contornar o globo dez vezes.<sup>5</sup>

Os jatos particulares desses 23 indivíduos super-ricos emitiram em média 2.074 toneladas de carbono por ano. Isso equivale a 300 anos de emissões de uma pessoa de outra classe social ou a mais de 2.000 anos de emissões de alguém entre os 50% mais pobres do mundo.<sup>6</sup>

Elon Musk possui pelo menos dois jatos particulares que, juntos, produzem 5.497 toneladas de CO<sub>2</sub> por ano. Isso equivale a 834 anos de emissões para uma pessoa de outra classe social, ou 5.437 anos para alguém que está entre os 50% mais pobres do mundo.<sup>7</sup>

Mesmo diante dessas alarmantes estatísticas de emissões de carbono, ainda há esperança. Após protestos do Greenpeace e da Extinction Rebellion,<sup>8</sup> o aeroporto de Schiphol, o maior da Holanda, anunciou que proibiria jatos particulares até 2026<sup>9</sup>. No entanto, essa medida foi suspensa pelo novo governo.



Ativistas bloquearam um jato particular por seis horas e meia em Amsterdã. Crédito: Marten van Dijk/Greenpeace Netherlands (2022).

### Super iates super poluentes

Os super iates estão entre os fatores mais prejudiciais relacionados ao consumo dos super-ricos. Desde 2000, o número de super iates mais do que dobrou, com cerca de 150 novos lançamentos a cada ano.<sup>10</sup> Embora passem a maior parte do ano atracados, aproximadamente 22% de suas emissões totais são geradas durante esse “tempo de inatividade”.<sup>11</sup>

A Oxfam identificou 23 super iates pertencentes a 18 bilionários e estima que cada um emite, em média, 5.672 toneladas de carbono por ano, mais de três vezes as emissões dos jatos particulares desses bilionários. Isso equivale a 860 anos de emissões de carbono para uma pessoa de outra classe social e 5.610 vezes a média de alguém entre os 50% mais pobres do mundo.<sup>12</sup>

A família Walton, herdeiros da rede varejista Walmart, possui três super iates avaliados em mais de US\$ 500 milhões.<sup>13</sup> Em um ano, eles percorreram 56.000 milhas náuticas gerando uma emissão total de 18.000 toneladas de carbono, o equivalente às emissões de carbono de cerca de 1.714 funcionários da loja Walmart.<sup>14</sup>

### As emissões de investimentos de bilionários superam as de consumo

O 1% mais rico controla 43% dos ativos financeiros globais, e os bilionários controlam (como CEOs ou principais investidores<sup>15</sup>) 34% das 50 maiores empresas de capital aberto do mundo e 7 das 10 maiores.<sup>16</sup> A emissão de Investimentos dos super-ricos é o fator mais importante do impacto causado por eles sobre as pessoas e o planeta.

As emissões de investimentos são importantes por dois motivos:

1. É fundamental compreender a escala real das emissões geradas pelas pessoas mais ricas de nossa sociedade e analisar o papel que essas emissões desempenham no colapso climático.
2. Observando o comportamento dos mais ricos como investidores, podemos evidenciar não apenas seu papel como consumidores de carbono, mas também como indivíduos que acumulam riqueza, controlam, moldam e lucram financeiramente com processos de produção que liberam gases de efeito estufa (GEEs) na atmosfera.

De acordo com a análise da Oxfam, as emissões de investimentos são a maior parte da pegada de carbono de um bilionário. A Oxfam conseguiu identificar as emissões de investimentos de 41 indivíduos entre as 50 pessoas mais ricas do mundo. A quantidade média de emissões de investimentos dos 50 bilionários mais ricos foi de cerca de 2,6 milhões de toneladas de equivalentes de CO<sub>2</sub> (CO<sub>2</sub>e) cada. Isso equivale a cerca de 340 vezes suas emissões de jatos particulares e super iates juntas. As emissões de investimento de cada bilionário são equivalentes a quase 400.000 anos de emissões de consumo de uma só pessoa, ou 2,6 milhões de anos de emissões de consumo de alguém entre os 50% mais pobres do mundo.

Os investimentos de bilionários são muito piores para o planeta do que os portfólios de investimento padrão. Quase 40% dos investimentos estão em setores altamente poluentes, incluindo: petróleo, mineração, transporte marítimo e produção de cimento; apenas 24% dos investimentos têm metas de emissão de carbono net-zero.<sup>45</sup> Em média, a carteira de investimentos de um bilionário é quase duas vezes mais poluente do que um investimento no S&P 500, (um banco de dados das 500 maiores empresas registradas nos EUA), mas se seus investimentos fossem em um fundo de investimento de baixa emissão de carbono, suas emissões de investimento seriam treze vezes menores.<sup>17</sup>

A pesquisa da Oxfam também descobriu que muitas das empresas nas quais os 50 bilionários mais ricos investem são conhecidas por fazer lobby contra boas políticas climáticas. Apenas duas empresas obtiveram a classificação “B” no banco de dados do Influence Map,<sup>18</sup> o que indica apoio à política climática alinhada com o Acordo de Paris.<sup>19</sup> Outras empresas, como a Cargill e a Berkshire Hathaway, receberam as classificações “D+” e “E”, indicando “engajamento obstrutivo na política climática”.<sup>20</sup>

## COMO AS EMISSÕES DOS MAIS RICOS ESTÃO CONTRIBUINDO PARA A DESIGUALDADE, A FOME E A MORTE

### As emissões dos mais ricos estão custando trilhões

O crescimento econômico anual é diretamente impactado pelo aumento das temperaturas que são impulsionadas pelas emissões elevadas. Esse impacto é visível em áreas como a produtividade do trabalho, a produtividade agrícola e o uso de energia, que sofrem alterações significativas devido às mudanças climáticas.<sup>21</sup>

Novas pesquisas para este documento mostram que:

- De 1990 a 2050, o custo econômico do 1% super-rico do mundo é de US\$ 52,6 trilhões.<sup>22</sup>
- Esse impacto será especialmente sentido nos países de baixa e média renda. Entre 1990 e 2050, os países de baixa e média renda vão registrar danos econômicos no total de US\$ 44 trilhões.
- A Oxfam calcula que cerca de uma década de emissões de investimentos dos 50 bilionários mais ricos do mundo (entre 2018 e 2028) causará danos econômicos de US\$ 250 bilhões até 2050. Isso é equivalente à produção econômica atual de países como Equador e Bulgária.<sup>23</sup>
- Os danos econômicos que os países de baixa e média renda já acumularam entre 1990 e 2023 devido a três décadas de emissões de consumo do 1% mais rico do mundo (1990-2019), é cerca de três vezes o total do financiamento climático oficialmente registrado que os países desenvolvidos deram aos países mais pobres.<sup>24</sup>



A região de Sanaag, na Somália, onde a Oxfam construiu um sistema de abastecimento de água para pessoas e animais.  
Crédito: Pablo Tosco/Oxfam

**Observação:** nesta seção, os danos econômicos são expressos em dólares internacionais (\$), que se ajustam à paridade do poder de compra (PPP). Essa abordagem permite uma comparação mais justa dos danos climáticos, uma vez que os dólares internacionais (\$) levam em conta de forma mais adequada as diferenças no custo de vida entre os países. O uso de dólares dos Estados Unidos (US\$), como era comum na literatura econômica inicial sobre o clima, minimizaria os danos causados aos países de baixa renda. Recentemente, o uso de dólares internacionais tornou-se um método mais aceito na literatura sobre economia climática.

### As emissões dos mais ricos estão contribuindo para a fome

Há um consenso cada vez maior de que a mudança climática já está afetando a produtividade das lavouras,<sup>25</sup> e que a crise climática já é uma das principais causas do aumento acentuado da fome global.<sup>26</sup> A análise da Oxfam estima que mudanças de produtividade nas principais lavouras globais, como milho, trigo e soja, ocorrem devido a alterações na temperatura.<sup>27</sup>

As descobertas revelam que as emissões de consumo excessivas dos 1% mais ricos do mundo estão causando perdas significativas nas colheitas, afetando especialmente os países e as populações mais pobres.

#### Matando plantações

Em escala global, a pesquisa revela que:

- Três décadas de emissões de consumo (1990-2019) do 1% super-rico do mundo já causaram que perdas de safras poderiam ter fornecido calorias suficientes para alimentar 14,5 milhões de pessoas por ano entre 1990 e 2023.<sup>28</sup>
- Entre 2023 e 2050, as perdas de safra decorrentes de quatro décadas de emissões de consumo dos 10% mais ricos do mundo (1990-2030) poderiam fornecer calorias suficientes para alimentar 148,8 milhões de pessoas por ano.<sup>29</sup>
- Cerca de uma década (2018-2028) de emissões de investimentos realizados pelos 50 bilionários mais ricos do mundo causará perdas de safra que poderiam fornecer calorias suficientes para alimentar 120.000 pessoas por ano entre 2028 e 2050.<sup>30</sup>

### As emissões dos mais ricos estão provocando mortes em excesso

Quando as pessoas são expostas ao calor extremo, o risco de sofrer de doenças potencialmente mortais aumenta muito. A exaustão pelo calor e a insolação ocorrem quando o corpo humano não consegue mais controlar sua temperatura,<sup>31</sup> e a exposição ao calor excessivo também pode contribuir para mortes por ataques cardíacos, derrames e outras formas de doenças cardiovasculares.<sup>32</sup> De acordo com o Sexto Relatório de Avaliação do IPCC, a frequência e a intensidade das ondas de calor já aumentaram nas últimas décadas, e a previsão é que isso só se agrave no futuro.<sup>33</sup>

Como resultado, o número de pessoas expostas ao calor extremo está crescendo exponencialmente<sup>34</sup> e vários estudos preveem um aumento drástico de mortes em excesso devido ao calor.<sup>35</sup> Baseado em um estudo recente,<sup>36</sup> a Oxfam estimou o número de mortes atribuíveis às emissões dos super-ricos. Nossas descobertas mostram que, mesmo em um cenário otimista de mudança climática,<sup>37</sup> apenas quatro anos de emissões das pessoas mais ricas do mundo estão elevando as temperaturas globais o suficiente para contribuir para um número alarmante de mortes em excesso.<sup>38</sup>

#### Matando pessoas

Os resultados mostram que em uma escala global:

- Apenas quatro anos (2015-2019) de emissões de consumo do 1% super-rico do mundo são suficientes para causar 1,5 milhão de mortes em excesso entre 2020 e 2120.<sup>39</sup> Isso equivale a pouco mais de 15.000 mortes em excesso por ano no século seguinte até 2120, o que é maior do que o número atual de mortes anuais devido a desastres naturais.<sup>40</sup>
- Cerca de 78% das mortes em excesso relacionadas ao calor, totalizando 1,18 milhão de pessoas, ocorrerão em países de renda baixa e média-baixa, enquanto o número de mortes em países de alta renda será significativamente menor.<sup>41</sup> Os países mais ricos, assim como seus indivíduos mais ricos, possuem maior capacidade de investir em medidas de proteção.<sup>42</sup> No entanto, embora os mais ricos possam se proteger, suas emissões excessivas continuam a causar mortes em outras regiões.
- No mesmo período, o impacto das emissões de consumo dos 10% mais ricos do mundo resultarão em um número espantoso de 4,8 milhões de mortes em excesso, cerca de 47.600 por ano, até 2120.<sup>43</sup>
- Apenas quatro anos (2021-2025) das emissões de investimento dos 50 bilionários mais ricos do mundo são suficientes para causar cerca de 34.000 mortes em excesso entre 2026 e 2126.<sup>44</sup>



## É HORA DE FAZER COM QUE OS GRANDES POLUIDORES PAGUEM

As emissões dos mais ricos estão levando nosso planeta ao ponto de ruptura e agravando a desigualdade. Eles estão esgotando nosso precioso orçamento de carbono com luxos excessivos e a constante acumulação de riqueza, trazendo consequências diretas e devastadoras para o planeta, especialmente para os países e comunidades mais pobres do mundo. Somente conseguiremos evitar o colapso climático total se os mais ricos forem obrigados a reduzir suas emissões de maneira drástica e imediata.

Para enfrentar as crises climática e de desigualdade, os governos devem intensificar seus esforços e priorizar as seguintes ações: reduzir emissões, responsabilizar os grandes poluidores e criar novos sistemas que coloquem a prosperidade humana e planetária em primeiro lugar.

### Recomendações

#### 1. REDUZIR AS EMISSÕES DOS MAIS RICOS

As ações para combater as emissões excessivas que destroem o planeta não podem mais esperar. Para que o futuro da vida em nosso planeta sejam protegidos, os governos devem:

**a. Desenvolver e implementar programas climáticos ambiciosos para reduzir as emissões de acordo com as exigências do Acordo de Paris.**<sup>45</sup> Isso significa cumprir suas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) até 2025, com base no princípio do compartilhamento justo<sup>46</sup> e na limitação do aquecimento a 1,5°C. Os países ricos do Norte Global – onde muitos dos mais ricos do mundo vivem e viveram historicamente – contribuem com 92% do excesso de emissões.<sup>47</sup> Eles têm a maior responsabilidade de reduzir as emissões e de começar a fazer isso o mais rápido possível.

Esses planos nacionais devem incluir medidas para eliminar gradativamente os combustíveis fósseis e ajudar as famílias de baixa e média renda a lidar com a transição para economias de baixo carbono, bem como medidas para reduzir significativamente as emissões dos indivíduos mais ricos. Eles também devem definir as contribuições financeiras dos mais ricos para apoiar a adaptação climática para as comunidades em risco e para facilitar uma transição justa.<sup>48</sup>

**b. Tributar os super-ricos para reduzir tanto suas emissões excessivas de consumo e investimento quanto seu papel na sustentação de indústrias poluentes.** Isso significa:

- Implementação de uma série de impostos progressivos permanentes sobre a renda e o patrimônio do 1% mais rico do mundo. Um imposto de 60% sobre a renda do 1% mais rico do mundo reduziria as emissões equivalentes a mais do que o total de emissões do Reino Unido em 2019.<sup>49</sup> As alíquotas também devem ser altas o suficiente para reduzir significativamente a desigualdade econômica: enquanto o número e a riqueza dos indivíduos super-ricos crescerem, suas emissões de consumo e investimento também crescerão.
- A cobrança de uma taxa adicional mais alta de imposto sobre a riqueza e a renda (individual e corporativa) de investimentos poluentes para atingir especificamente a poluição por carbono. Por exemplo, um imposto sobre a proporção de lucros provenientes da venda de combustíveis fósseis ou de produtos que utilizem esses combustíveis. As taxas devem ser altas o suficiente para desestimular o investimento em setores poluentes.
- Tributar os lucros excessivos das empresas obtidos por meio de controle desproporcional dos mercados ou por lucros extraordinários.

**c. Proibir ou taxar de forma punitiva o consumo de luxo com uso intensivo de carbono,** começando por jatos particulares, super iates, veículos utilitários esportivos (SUVs) e viagens aéreas frequentes.

Os governos devem proibir jatos particulares e super iates, pois essas emissões de luxo contribuem significativamente para o colapso climático. Essas medidas são justas e necessárias para enfrentar a urgente crise climática.

Como alternativa, os luxos devem ser tributados a taxas punitivas (90% ou mais). Os impostos sobre esses luxos desestimulariam o consumo excessivo e, ao mesmo tempo, aumentariam a receita das pessoas mais ricas, que poderia ser investida em planos climáticos nacionais.

**d. Regularizar as empresas e os investidores para que reduzam radicalmente e de forma justa suas emissões de carbono.** As empresas devem ser obrigadas a:

- Disponibilizem a divulgação completa das emissões de Escopo 1, 2 e 3<sup>50</sup> em todas as operações e cadeias de suprimentos, com verificação independente.
- Realizar relatórios contínuos sobre seu progresso para atingir as metas de redução de emissões.
- Estabelecer metas ambiciosas com base científica e um roteiro claramente definido para reduzir as emissões em todos os escopos, de acordo com os objetivos do Acordo de Paris.<sup>51</sup>
- Aderir aos padrões ambientais e de direitos humanos acordados internacionalmente.

## 2. FAÇA COM QUE OS MAIORES POLUIDORES PAGUEM

Os governos devem adotar um pacote rigoroso de impostos progressivos sobre a renda e a riqueza das pessoas mais ricas, assim como sobre os lucros das maiores corporações, especialmente os lucros extraordinários. É essencial que os grandes poluidores ricos assumam sua parte no custo. Além disso, os países mais ricos devem destinar parte dessa receita para cumprir integralmente suas responsabilidades de financiamento climático em nível internacional.

A necessidade de financiamento climático é enorme e crescente. No entanto, não há nenhum indício de que aceitarão essa responsabilidade. Os países desenvolvidos<sup>52</sup> não conseguiram cumprir sua promessa de financiamento climático de US\$100 bilhões,<sup>53</sup> e, rumo à COP29, não há nenhuma previsão de que estabelecerão uma nova meta que atenda às necessidades realistas de financiamento climático. Eles também continuam se recusando a aceitar pedidos de reparação.

A Oxfam estima que os países de baixa e média renda precisam de pelo menos US\$ 18,9 trilhões até 2030 para uma ação climática adequada.<sup>54</sup> A sociedade civil estima que, além disso, o Norte Global tem uma dívida climática com o Sul Global de US\$ 5 trilhões entre 2025 e 2050 para indenizar a exploração que praticaram no passado contra a natureza e as pessoas.<sup>55</sup>



Os governos devem adotar um pacote rigoroso de impostos progressivos sobre a renda e a riqueza das pessoas mais ricas, assim como sobre os lucros das maiores corporações. Crédito: Ralf Hahn/istockphoto.

O argumento de que "não há dinheiro" é insustentável. Se os governos estivessem realmente comprometidos em fazer com que pessoas e empresas ricas e altamente poluidoras pagassem, poderiam começar a ampliar o financiamento necessário. Por exemplo, os governos poderiam arrecadar:

- **Pelo menos US\$ 1,7 trilhão por ano** com um imposto sobre a riqueza dos milionários e bilionários do mundo.
- **Um adicional de US\$ 100 bilhões** de imposto sobre fortunas com investimentos em atividades poluentes.
- **Cerca de US\$ 6,4 trilhões por ano** com um imposto de renda de 60% sobre o 1% das pessoas que mais ganham no mundo.
- **Até US\$ 941 bilhões** por meio de um imposto sobre lucros corporativos inesperados sobre 722 das maiores corporações do mundo, que juntas arrecadaram mais de US\$ 1 trilhão em lucros inesperados por ano em 2022 e 2023.

**FIGURA 1 AUMENTO DO NÍVEL DE FINANCIAMENTO**



### 3. REIMAGINAR NOSSAS ECONOMIAS E SOCIEDADES PARA PROPORCIONAR O BEM-ESTAR E O PROSPERIDADE DO PLANETA

Para enfrentar a desigualdade e as crises climáticas, precisamos de novos sistemas e medidas que promovam simultaneamente o bem-estar humano e a prosperidade do planeta. Por muito tempo, nosso sistema econômico tem priorizado o acúmulo de riqueza para os mais ricos, baseado na extração e no consumo a qualquer custo, comprometendo um futuro realmente sustentável e equitativo para as pessoas e o nosso planeta.

---

**Para enfrentar a desigualdade e as crises climáticas, precisamos de novos sistemas e medidas que promovam simultaneamente o bem-estar humano e a prosperidade do planeta.**

Todos os governos devem:

- **Estabelecer metas para reduzir radicalmente a desigualdade econômica.** Uma redução significativa e permanente da diferença entre os ricos e o resto do mundo é a única coisa que pode interromper as mudanças climáticas e proporcionar justiça social. Os governos devem se comprometer com uma meta global de desigualdade que reduza drasticamente a desigualdade entre o Norte Global e o Sul Global. Tanto globalmente quanto em nível nacional, a renda dos 10% mais ricos não deve ser superior à dos 40% mais pobres. O planejamento nacional de cada país deve ser desenvolvido para reduzir a desigualdade por meio de processos participativos que envolvam todos os grupos da população.
- **Superar a meta falha de crescimento do PIB** e colocar novas métricas de progresso no centro das ações de políticas públicas. Essas medidas devem se concentrar na igualdade, no bem-estar humano e na saúde do planeta. Elas devem refletir como a renda e a riqueza são distribuídas e levar em consideração o trabalho não remunerado e de cuidados que é feito de forma desproporcional por mulheres e grupos marginalizados.<sup>56</sup>
- **Rejeitar a economia neoliberal** e colocar o Estado no centro da construção de sociedades saudáveis e prósperas, que beneficiem tanto as pessoas quanto o planeta. Isso implica deixar de lado a ideia de que a única maneira de transformar nossa sociedade e reduzir a dependência dos combustíveis fósseis é capacitar ou subsidiar atores privados. Também envolve um compromisso com o investimento público estratégico em pesquisa e desenvolvimento, serviços essenciais, energia renovável, transporte público e infraestrutura de baixo carbono.
- **Reequilibrar instituições globais** como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC) para assegurar que os países do Sul Global tenham a autonomia e o espaço político necessários para construir um futuro melhor para suas populações.



## NOTAS FINAIS

- 1 Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade na emissão de carbono mata): Methodology note.
- 2 S. Gössling e A. Humpe. (2020). 'The Global Scale, Distribution and Growth of Aviation: Implications for Climate Change'. *Mudança Ambiental Global*, 65, 102194. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2020.102194>.
- 3 C. Collins, O. Ocampo and K. Thomhave. (2023). High Flyers 2023: How Ultra-Rich Private Jet Travel Costs the Rest of Us and Burns Up Our Planet [Como as viagens em jatos particulares dos ultra ricos custam ao resto de nós e destroem nosso planeta]. Patriotic Millionaires and the Institute for Policy Studies. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://ips-dc.org/wp-content/uploads/2023/04/High-Flyers-2023-Report.pdf>
- 4 Oxfam. (2024). *Carbon Inequality Kills: Methodology note*.
- 5 Ibid.
- 6 Ibid.
- 7 Ibid.
- 8 F. Street. (4 de abril de 2023). O Aeroporto Schiphol de Amsterdã propõe a proibição de jatos particulares. CNN. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://edition.cnn.com/travel/article/amsterdam-schiphol-airport-proposes-ban-private-jets/index.html>
- 9 Schiphol. (28 de setembro de 2023). Menos voos e jatos particulares em Schiphol. Comunicado à imprensa. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://news.schiphol.com/fewer-flights-and-private-jets-at-schiphol>
- 10 Instituto Internacional de Pesquisas Marítimas. (13 de agosto de 2021). Relatório The State of Yachting 2021 do SuperYacht Times. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.iims.org.uk/the-state-of-yachting-2021-report-from-superyacht-times>
- 11 J. Roy, P. Shallcross, A.M. Hardy e S. Burnay. (2011). Reducing the Environmental Impact of Large Yachts (Reduzindo o impacto ambiental de grandes iates). Acessado em 16 de julho de 2024. <https://bmtmarketing.azureedge.net/media/2295/2011inasuperyachtconference.pdf>
- 12 Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade de carbono mata): Methodology note.
- 13 Superyacht Fan. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.superyachtfan.com>.
- 14 Oxfam America. (2024). Business at an Inhuman Scale (Negócios em escala desumana). Acessado em 16 de julho de 2024. [https://webassets.oxfamamerica.org/media/documents/Amazon-Walmart\\_Briefing\\_Note\\_FINAL.pdf](https://webassets.oxfamamerica.org/media/documents/Amazon-Walmart_Briefing_Note_FINAL.pdf)
- 15 Conforme definido pela Comissão de Valores Mobiliários dos EUA (SEC), um acionista principal é um acionista que possui pelo menos 10% da empresa. Considera-se que esses acionistas têm influência significativa sobre uma empresa.
- 16 R. Riddell, N. Ahmed, A. Maitland, M. Lawson e A. Taneja. (2024). *Inequality Inc: How Corporate Power Divides Our World and the Need for a New Era of Public Action*. Oxfam International. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/inequality-inc-how-corporate-power-divides-our-world-and-the-need-for-a-new-era-621583>
- 17 Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade de carbono mata): Methodology note.
- 18 LobbyMap. (n.d.). Pontuações do LobbyMap. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://lobbymap.org/LobbyMapScores>

- 19 LobbyMap. (n.d.). Pontuações do LobbyMap. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://lobbymap.org/page/About-our-Scores>
- 20 Ibid.
- 21 Ibid.
- 22 Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade de carbono mata): Methodology note. Esses danos econômicos foram causados pelas emissões do 1% super-rico do mundo apenas entre 1990 e 2030.
- 23 Ibid.
- 24 O financiamento climático registrado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) entre 2013 e 2022. Para obter mais detalhes, consulte: Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade de carbono mata): Methodology note. No entanto, deve se levar em consideração a análise da Oxfam indicando que práticas contábeis generosas permitiram aos países desenvolvidos superestimar o nível de apoio realmente fornecido. Veja por exemplo: B. Zagema, J. Kowalzig, L. Walsh, A. Hattle, C. Roy e H.P. Dejgaard. (2023). *Climate Finance Shadow Report 2023: Assessing the Delivery of the \$100 Billion Commitment*. Oxfam. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/climate-finance-shadow-report-2023-621500>
- 25 Mbow, C., C. Rosenzweig, L.G. Barioni, T.G. Benton, M. Herrero, M. Krishnapillai, E. Liwenga, P. Pradhan, M.G. Rivera-Ferre, T. Sapkota, F.N. Tubiello, e Y. Xu. (2019). 'Food Security'. In *Climate Change and Land: An IPCC Special Report on Climate Change, Desertification, Land Degradation, Sustainable Land Management, Food Security, and Greenhouse Gas Fluxes in Terrestrial Ecosystems*, edited by P.R. Shukla, J. Skea, E. Calvo Buendia, V. Masson-Delmotte, H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, P. Zhai, R. Slade, S. Connors, R. van Diemen, M. Ferrat, E. Haughey, S. Luz, S. Neogi, M. Pathak, J. Petzold, J. Portugal Pereira, P. Vyas, E. Huntley, K. Kissick, M. Belkacemi e J. Malley, pp. 437–550. Cambridge: Imprensa da Universidade de Cambridge. <https://doi.org/10.1017/9781009157988.007>.
- 26 Programa Mundial de Alimentos. (n.d.) A Global Food Crisis. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.wfp.org/global-hunger-crisis>
- 27 FAO. (2022). Estatísticas de produção agrícola 2000–2021. FAOSTAT Analytical Brief Series No. 60. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/58971ed8-c831-4ee6-ab0a-e47ea66a7e6a/content>
- 28 Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade de carbono mata): Methodology note.
- 29 Ibid.
- 30 Ibid.
- 31 A. Morris e G. Patel. (2023). Heat Stroke (insolação). Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK537135>
- 32 Organização Mundial da Saúde (OMS). (28 de maio de 2024). Heat and Health (Calor e saúde). Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/climate-change-heat-and-health>
- 33 IPCC. (2023). Mudanças Climáticas 2023: Synthesis Report. Contribuição dos Grupos de Trabalho I, II e III para o Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, pp. 35–115. IPCC. Acessado em 16 de julho de 2024. [https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC\\_AR6\\_SYR\\_FullVolume.pdf](https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC_AR6_SYR_FullVolume.pdf)

- 34 Contagem regressiva do Lancet. (2023). Heat-Related Mortality (Mortalidade relacionada ao calor). Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.lancetcountdown.org/data-platform/health-hazards-exposures-and-impacts/1-1-health-and-heat/1-1-5-heat-and-sentiment>
- 35 R.D. Bressler. (2021). The Mortality Cost of Carbon” [O custo de mortalidade do carbono]. Nature Communications, 12(1), 4467. <https://doi.org/10.1038/s41467-021-24487-w>; T. Carleton, A. Jina, M. Delgado, M. Greenstone, T. Houser, S. Hsiang, ... e A.T. Zhang. (2022). 'Valuing the Global Mortality Consequences of Climate Change Accounting for Adaptation Costs and Benefits'. The Quarterly Journal of Economics, 137(4), 2037-105; C. Mora, B. Dousset, I.R. Caldwell, F.E. Powell, R.C. Geronimo, C.R. Bielecki, ... e C. Trauernicht. (2017). 'Global Risk of Deadly Heat' (Risco global de calor mortal). Nature Climate Change, 7(7), 501-06. <https://doi.org/10.1038/nclimate3322>; A. Gasparrini, Y. Guo, F. Sera, A.M. Vice- do-Cabrera, V. Huber, S. Tong, ... e B. Armstrong. (2017). 'Projections of Temperature-Related Excess Mortality Under Climate Change Scenarios' (Projeções de excesso de mortalidade relacionada à temperatura em cenários de mudança climática). The Lancet Planetary Health, 1(9), e360-7.
- 36 Bressler. (2024). *The Distributional Mortality and Social Cost of Carbon*. [Unpublished manuscript].
- 37 Consulte Bressler. (2024). The Distributional Mortality and Social Cost of Carbon (A mortalidade distributiva e o custo social do carbono). [Manuscrito não publicado]. Os resultados do MCC são calculados nos cenários de emissões RFF-SP que estão sendo usados atualmente pelo governo dos EUA, nos quais se espera que as temperaturas médias globais aumentem pouco mais de 2°C acima dos níveis pré-industriais em 2100; K. Rennert, B.C. Prest, W.A. Pizer, R.G. Newell, D. Anthoff, C. Kingdon, ... e F. Erickson. (2021). 'The Social Cost of Carbon: Advances in Long-Term Probabilistic Projections of Population, GDP, Emissions, and Discount Rates” [O custo social do carbono: avanços em projeções probabilísticas de longo prazo da população, PIB, emissões e taxas de desconto]. Brookings Papers on Economic Activity, 2021(2), 223-305; Agência de Proteção Ambiental dos EUA. (2023). Report on the Social Cost of Greenhouse Gases: Estimates Incorporating Recent Scientific Advances. Avanços científicos recentes. Acessado em 16 de julho de 2024. [https://www.epa.gov/system/files/documents/2023-12/epa\\_scghg\\_2023\\_report\\_final.pdf](https://www.epa.gov/system/files/documents/2023-12/epa_scghg_2023_report_final.pdf)
- 38 Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade na emissão de carbono mata): Methodology note.
- 39 Ibid.
- 40 Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde. (IHME). (2024). Carga Global de Doenças 2021: Findings from the GBD 2021 Study (Achados do estudo GBD 2021). Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.healthdata.org/research-analysis/library/global-burden-disease-2021-findings-gbd-2021-study>
- 41 Bressler. (2024). The Distributional Mortality and Social Cost of Carbon (A mortalidade distributiva e o custo social do carbono). [Manuscrito não publicado].
- 42 R.D. Bressler, F.C. Moore, K. Rennert e D. Anthoff. (2021). 'Estimates of Country Level Temperature-Related Mortality Damage Functions' (Estimativas das funções de dano por mortalidade relacionadas à temperatura em nível nacional). Scientific Reports, 11(1), 20282.
- 43 Oxfam. (2024). Carbon Inequality Kills (A desigualdade de carbono mata): Methodology note.
- 44 Ibid.
- 45 Mudanças climáticas das Nações Unidas. O Acordo de Paris. Acessado em 30 de setembro de 2024. <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement>

- 46 O princípio do compartilhamento justo do clima garante que cada país reduza as emissões globais de forma justa, considerando a responsabilidade histórica, a capacidade e o direito ao desenvolvimento. Seu objetivo é equilibrar as reduções de emissões com justiça, de modo que todos os países contribuam com base em suas capacidades e responsabilidades.
- 47 J. Hickel. (2020). Quantifying National Responsibility for Climate Breakdown. An Equality-Based Attribution Approach for Carbon Dioxide Emissions in Excess of the Planetary Boundary” (Uma abordagem de atribuição baseada na igualdade para emissões de dióxido de carbono além do limite planetário). The Lancet Planetary Health, 4(9), e399-e404. Para essa análise, foram derivadas as cotas justas nacionais de um orçamento global seguro de carbono consistente com o limite planetário de 350 partes por milhão (PPM). Em seguida, essas cotas justas foram subtraídas das emissões históricas reais dos países (emissões territoriais de 1850 a 1969 e emissões baseadas no consumo de 1970 a 2015) para determinar até que ponto cada país ultrapassou ou não atingiu sua cota justa. Por meio dessa abordagem, foi calculada a parcela de responsabilidade de cada país pelas emissões globais que excedem o limite planetário.
- 48 Definição de “transição justa”: o processo de transição de combustíveis fósseis para energia limpa e renovável de forma a reduzir a desigualdade e priorizar a justiça econômica, racial e de gênero. Isso envolve garantir que os custos da ação climática sejam arcados pelos poluidores ricos e que as comunidades vulneráveis recebam apoio durante toda a transição.
- 49 A. Khalfan et al. (2023). *Climate Equality: A Planet for the 99%*. Acessado em 8 de outubro. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/climate-equality-a-planet-for-the-99-621551/> op. cit.; Oxfam. (2024). *Carbon Inequality Kills (A desigualdade na emissão de carbono mata): Methodology note*.
- 50 As emissões de escopo 1-3 são um padrão internacional para contabilidade corporativa e relatórios de emissões, categorizando os gases de efeito estufa em escopo 1, 2 e 3 com base na fonte. As emissões do Escopo 1 referem-se a emissões diretas pertencentes ou controladas pela empresa; as emissões do Escopo 2 referem-se a emissões indiretas de eletricidade, calor ou vapor adquiridos; as emissões do Escopo 3 referem-se a outras emissões indiretas de fontes que não pertencem ou não são controladas pela empresa, como cadeia de suprimentos, transporte e uso de produtos. Fonte: Instituto de Recursos Mundiais. Protocolo de Gases de Efeito Estufa. Acessado em 3 de outubro de 2024. <https://www.wri.org/initiatives/greenhouse-gas-protocol#:~:text=WRI%20and%20WBCSD%20created%20GHG%20Protocol>
- 51 Mudanças climáticas das Nações Unidas. O Acordo de Paris. Acessado em 30 de setembro de 2024. <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement>
- 52 A Oxfam está deixando de usar termos como “países desenvolvidos” ou “países em desenvolvimento”, mas como esses grupos de países estão consagrados na UNFCCC e no Acordo de Paris, nós os usamos para maior clareza ao fazer referência a aspectos do regime climático internacional, incluindo o fornecimento de financiamento climático.
- 53 Os países de alta renda dizem que mobilizaram cerca de US\$ 116 bilhões em financiamento climático em 2022 - pela primeira vez ultrapassando os US\$ 100 bilhões por ano que originalmente prometeram alcançar até 2020 para ajudar os países do Sul Global a lidar com o agravamento dos efeitos do colapso climático. No entanto, a Oxfam estima que o “valor real” do financiamento climático fornecido pelos países de alta renda em 2022 é de apenas entre US\$ 28 bilhões e US\$ 35 bilhões, com no máximo apenas US\$ 15 bilhões destinados à adaptação. Consulte J. Kowalzig, T. Cherry-Virdee, R. Bo Sørensen e S. Cutts. (2024). *Climate Finance Short-Changed, 2024 Update: Estimating the Real Value of the \$100 Billion Commitment for 2021-22* (Financiamento climático pouco alterado, atualização de 2024: estimando o valor real do compromisso de US\$ 100 bilhões para 2021-22). Oxfam International. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.oxfamnovib.nl/Files/rapporten/2024/Climate%20Finance%20Short-Changed%202024.pdf>

- 54 O custo total é de US\$ 13,7 trilhões para mitigação climática, US\$ 2,8 trilhões para perdas e danos e US\$ 2,4 trilhões para adaptação climática; E. Seery e D. Jacobs. (2023). False Economy: Financial Wizardry Won't Pay the Bill for a Fair and Sustainable Future [Falsa economia: a magia financeira não pagará a conta de um futuro justo e sustentável]. Oxfam International. Acessado em 16 de julho de 2024. <https://www.oxfam.org/en/research/false-economy-financial-wizardry-wont-pay-bill-fair-and-sustainable-future>
- 55 Rede de Ação Climática. (20 de setembro de 2024). US\$5 trilhões em dívida do Norte Global às nações do Sul Global devido à crise climática. Comunicado à imprensa. Acessado em 2 de outubro de 2024. <https://climatenetwork.org/2024/09/20/us5trillion-owed-to-global-south-by-global-north-due-to-the-climate-crisis/#:~:text=A%202023%20study%20shows%20that%20by>
- 56 Oxfam. (2024.) Valued: Breaking the link between paid and unpaid care, poverty and inequalities across Britain [Valorizado: Rompendo o vínculo entre cuidados remunerados e não remunerados, pobreza e desigualdades na Grã-Bretanha]. Silvia Galandini e Claire Spoors. Acessado em 3 de outubro de 2024. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/valued-breaking-the-link-between-paid-and-unpaid-care-poverty-and-inequalities-621592/>



Para obter mais informações sobre as questões levantadas neste relatório, ou para nos enviar comentários sobre o seu conteúdo, envie um e-mail para [matthew.martin@dri.org.uk](mailto:matthew.martin@dri.org.uk) e [max.lawson@oxfam.org](mailto:max.lawson@oxfam.org)

Para obter mais informações sobre as questões apresentadas neste documento, envie um e-mail para [advocacy@oxfaminternational.org](mailto:advocacy@oxfaminternational.org)

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas o texto pode ser usado gratuitamente para fins de defesa de direitos, campanhas, educação e pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O detentor dos direitos autorais solicita que tal uso seja registrado junto a ele para fins de avaliação de impacto. Para cópia em quaisquer outras circunstâncias, ou para a reutilização em outras publicações, ou para a tradução ou adaptação, uma permissão deverá ser obtida e poderá ser cobrada uma taxa. Envie um e-mail para [policyandpractice@oxfam.org.uk](mailto:policyandpractice@oxfam.org.uk).

## Oxfam

A Oxfam é uma confederação internacional de 21 organizações, que trabalha com seus parceiros e aliados, alcançando milhões de pessoas em todo o mundo. Juntos, combatemos as desigualdades para acabar com a pobreza e a injustiça, agora e a longo prazo - para um futuro com mais justiça e menos desigualdade. Para obter mais informações, escreva para qualquer uma das agências ou acesse [www.oxfam.org](http://www.oxfam.org).

Oxfam America ([www.oxfamamerica.org](http://www.oxfamamerica.org))

Oxfam Aotearoa ([www.oxfam.org.nz](http://www.oxfam.org.nz))

Oxfam Australia ([www.oxfam.org.au](http://www.oxfam.org.au))

Oxfam-in-Belgium ([www.oxfamsol.be](http://www.oxfamsol.be))

Oxfam Brasil ([www.oxfam.org.br](http://www.oxfam.org.br))

Oxfam Canada ([www.oxfam.ca](http://www.oxfam.ca))

Oxfam Colombia ([lac.oxfam.org/countries/colombia](http://lac.oxfam.org/countries/colombia))

Oxfam France ([www.oxfamfrance.org](http://www.oxfamfrance.org))

Oxfam Germany ([www.oxfam.de](http://www.oxfam.de))

Oxfam GB ([www.oxfam.org.uk](http://www.oxfam.org.uk))

Oxfam Hong Kong ([www.oxfam.org.hk](http://www.oxfam.org.hk))

Oxfam IBIS (Denmark) ([www.oxfamibis.dk](http://www.oxfamibis.dk))

Oxfam India ([www.oxfamindia.org](http://www.oxfamindia.org))

Oxfam Intermón (Spain) ([www.oxfamintermon.org](http://www.oxfamintermon.org))

Oxfam Ireland ([www.oxfamireland.org](http://www.oxfamireland.org))

Oxfam Italy ([www.oxfamitalia.org](http://www.oxfamitalia.org))

Oxfam Mexico ([www.oxfammexico.org](http://www.oxfammexico.org))

Oxfam Novib (Netherlands) ([www.oxfamnovib.nl](http://www.oxfamnovib.nl))

Oxfam Québec ([www.oxfam.qc.ca](http://www.oxfam.qc.ca))

Oxfam South Africa ([www.oxfam.org.za](http://www.oxfam.org.za))

KEDV ([www.kedv.org.tr](http://www.kedv.org.tr))



**OXFAM**